

# OS CAMINHOS DA MISSÃO

## 01. CONVERTER O CRISTIANISMO ÀS RELIGIÕES

**POR DOIS MIL ANOS, A MISSÃO FOI TENTATIVA DE BATIZAR TODO MUNDO, PONDO O CRISTIANISMO EM LUGAR DAS DIFERENTES RELIGIÕES. MAS O NOVO TESTAMENTO PARECE ENCERRAR UMA PROPOSTA MAIS FASCINANTE: CRISTIANISMO E RELIGIÕES TEM QUE DIALOGAR E SE ENRIQUECER RECIPROCAMENTE, VISANDO JUNTAS O REINO DE DEUS.**

Esclareço logo que não se trata de acabar com as conversões ao cristianismo, o que constituiu a paixão de todos os missionários cristãos do passado, mas de missionar de uma certa nova maneira. Qual? A que respeita as outras religiões e que, inspirando confiança nelas, nos levaria a projetar com elas uma convivência e uma providencial aliança, em vez

que força-las a se renegar, como se fez da era constantiniana para cá. A traçar esta exaltante hipótese nos vem em ajuda pelo menos os três últimos papas. João Paulo II quando afirma que as religiões são obra do Espírito Santo (cfr *Redemptor hominis*, 12); Bento XVI quando afirma que as religiões são co-peregrinas da Igreja na caminhada para o Reino de Deus (Cfr. *Diálogo e anúncio*); Papa Francisco quando, deixando pensar de estar de acordo com a mesma visão, observa que é bom conduzir à Igreja os adeptos das outras religiões mas, não por meio do proselitismo que ele ironiza e condena, mas por meio da *atração*, ou seja pelo encanto que o testemunho da nossa vida, baseada no Evangelho, espalha quase sem querer, ao redor de si (cfr. *Evangelii gaudium*, 14). Foi esta de fato a missão que se praticou nos primeiros três séculos do cristianismo ou seja no período anterior a Costantino, Teodosio e Justiniano (do IV ao VI século). A este propósito faço notar que, nos seus primeiros três séculos, a Igreja não possuía uma qualquer organização missionaria, mas convertia indivíduos e povos pelo bom exemplo que os convertidos ofereciam. Ainda mais acontecia isso quando os cristãos sofriam o martírio por

causa da fe. Baste lembrar o que escrevia Tertuliano no III século, falando aos pagãos: “Vocês podem continuar a matar os cristãos, mas saibam que o sangue deles é semente (que os multiplica)”. Em segundo lugar, acho oportuno levar em conta uma orientação que, de Jesus até nós, ficou cada vez mais clara com o passar dos séculos. Se trata do fato que a primeira e última meta que Jesus recomendou a todos os seus seguidores, e pela qual morreu na cruz e ressuscitou, era o Reino de Deus nesta terra, fazendo com que a Igreja fosse somente o arauto ou o primeiro incentivo do mesmo (cfr. Concílio E.V. II: *Lumen gentium* 5 e *Gaudium et spes*, 42). Em palavras mais simples: se para Jesus o Reino de Deus era a meta primeira e última, a Igreja não podia tomar o lugar dele, como várias vezes, ao longo da história, parece ter acontecido. Em todo caso, hoje as coisas estão ficando mais claras do que no passado e podemos admitir, com segurança, que o Reino de Deus é maior do que a Igreja e está sendo realizado no mundo inteiro, por todas as pessoas de boa vontade e, então, pelas sabedorias e religiões de todos os povos, pelos milhões de trabalhadores que podem modificar e melhorar

a vida na terra, pelas ciências que, iluminando-nos sobre a constituição do universo, tornam desejável uma humanidade renovada e reunida numa única família de povos, línguas, saberes e religiões. A favor desta visão, que é abordada explicitamente em *Caminhos da missão*, 2, sob o título *Converter o cristianismo ao Reino de Deus*, gostaria citar logo, o capítulo 2 dos Atos, lá onde se fala da descida do Espírito Santo sobre o primeiro grupo cristão formado entorno dos apóstolos. Naquela ocasião, os apóstolos falavam em língua aramáica com sotaque galileu, mas eram entendidos pelos ouvintes de 18 línguas diferentes. No caso em questão, faria notar que o termo *língua* tinha também o sentido de *cultura* e de *religião*, o que nos permite de pensar que aquele pessoal entendia sim a mensagem evangélica do Reino de Deus, mas por dentro da sua cultura e religião, podendo-a vivenciar até no contexto delas.

**1. O Novo Testamento é generoso com as religiões.** Começando pelo próprio Jesus, o Novo Testamento não diz uma palavra contra as religiões. Antes pelo contrário, Jesus parece tão decepcionado com Israel (cfr. lamentação

sobre Jerusalém em Mt 23, 37-39 e Lc 13, 34-35, sem falar das muitas queixas contra os fariseus, sacerdotes e doutores da lei) ao ponto de preferir as religiões e ver que nelas pode haver mais fé que em Israel. “Nunca encontrei tanta fé em Israel” confessa Jesus ao longo de narrações evangélicas dedicadas aos gentios (cfr...). Um ponto de partida este que me parece tanto valioso quanto desprezado e ignorado pela exegese e pela teologia tradicionais. Um ponto que, se tivesse brilhado no momento certo, isto é quando a missão começou a operar no interesse político de Constantino, Teodósio e Justiniano, pisando nas religiões locais e perseguindo seus adeptos até a morte (cfr. a sorte que tocou a Ipácia de Alexandria, a única mulher filósofa de toda a antiguidade) a história toda do cristianismo poderia ter desembocado num caminho muito diferente. De fato, que teria acontecido se os primeiros missionários tivessem promovido a fé das religiões em vez que ignora-la ou achar que era falsa? Dito isso, voltemos a Jesus e ao Novo Testamento. Jesus não tinha acabado de nascer quando, por meio dos magos, as religiões começaram a ganhar interesse e simpatia mantendo estas vantagens até o fim

da narração evangélica. Até ao momento em que o centurião romano confessou, em baixo da cruz, que Jesus era verdadeiramente filho de Deus. Numa outra ocasião aconteceu algo de parecido. Poucos dias após a ressurreição, Jesus orientou os discípulos, já decepcionados com os resultados negativos da pesca noturna, a jogar a rede para o outro lado do Mar de Tiberíades, para o leste ou seja para o lado dos pagãos, obrigando-os a carregar 153 grossos peixes, símbolos das pescas de homens que deverão praticar nos países idólatras do mundo antigo. Nem se fale do que tinha ocorrido no começo da vida pública de Jesus, isto é na hora em que Jesus teve que iniciar a sua pregação encantadora entre israelitas mestiços e paganizados da Galiléia. Mateus lembra aquele momento histórico com palavras ressonantes do profeta Isaías: “Terra de Zábulon e terra de Neftali, caminho do mar traçado além do Jordão, Galiléia dos gentios!. O povo que habitava nas sombras da morte viu uma luz brilhante como aquela dum dia que amanhece” (Cfr. Mt 4, 15-16). A pregação de Jesus começou precisamente numa terra de pagãos, na Galiléia dos gentios, num lugar periférico preferida por Deus e que os exegetas dos

nossos dias chamam de *lugar teológico*. Em que sentido? No sentido de que Deus não se encontra nos lugares oficiais como o templo de Salomão (e de Herodes) ou a sagrada capital do país, Jerusalém, mas nas periferias perdidas e malditas, ou nos subúrbios da miséria e entre as vítimas do sistema social (cfr. *Evangelii Gaudium* de Papa Francisco, .....). O próprio Jesus, após ter nascido num lugar de bichos, entre um povo que não podia entrar no templo, a causa da sua rudeza, e após ter encontrado a gratidão e a caridade mais autênticas em dois pagãos (o samaritano curado da lepra e o protagonista da parábola homônima ), escolherá de morrer fora do templo, fora da sociedade oficial e pregado na cruz dos rebeldes e dos assassinos, não como pessoa sagrada, mas como leigo e escória da humanidade (cfr. G.Barbalho. *Laicità del mondo, laicità del Cristiano*. In Bozze 87, 03.05.1987).

**2. Deus está no meio dos pagãos.** É impressionante descobrir, na leitura dos Evangelhos sinóticos, que Jesus nunca pediu que alguém mudasse de religião, pois respeitava as religiões e era informado de que o Pai do Céu trabalhava no interior delas . É o

próprio Jesus a confirmar isso quando acena às atividades dos profetas Jonas e Eliseu e quando diz que Sódoma e Gomorra, cidades da mais descarada corrupção pagã, terão, na eternidade, uma punição menor da que irá tocar a Cafarnaum, Betsaida e Corózaín que, após a evangelização aí desenvolvida por Jesus em pessoa, continuavam ficando infiéis (Cfr.....). Por sua vez lembremos que Jonas não queria que os pagãos ninivitas se penitenciassem e voltassem para Deus. Não queria porque não tinha neles a confiança que o próprio Deus tinha. De fato Deus estava no meio dos ninivitas e estava com a viúva pagã de Sareptá (na Síria) à qual Eliseu ressuscitou o filho (cfr....). Do mesmo modo, Deus estava com (.....), o general sírio e pagão, curado da lepra sob instrução do mesmo profeta (cfr.....). Em outras páginas dos sinóticos descobrimos algo de incrível: como os samaritanos (já citados) e a samaritana (até agora não mencionada), os pagãos e os marginalizados são prontos a sentar na mesa do patrão que festeja as bodas do filho, isto é são prontos a sentar na mesa de Deus e a assumir encargos e funções, visto que os convidados israelitas da primeira hora se tinham recusado a



comparecer (.....). Esta lição fica ainda mais clara na parábola dos vinhateiros (Mt 21, 33-41 e Mc 12, 1-12) e na história de Cornélio, centurião romano que Pedro batizou com toda a família (cfr. At, 10). Os vinhateiros infiéis, apesar de serem israelitas, não estavam de acordo com o ponto de vista do patrão e chegam à decisão de meter em fuga o fiduciários dele e matar o filho do próprio patrão, para ficarem donos da vinha a eles confiada. Após a afronta recebida dos vinhateiros, Jesus pergunta: “Que fará o patrão?” e responde: “Entregará a vinha a outros vinhateiros”. Quais? Se pode responder que os novos vinhateiros serão os pagãos pelo contexto em que a parábola é colocada.

**03. Os não batizados são irmãos de Jesus.** No caso narrado pelos Atos, o centurião romano Cornélio é ainda pagão mas reza o terço e as ladainhas todo dia, além de praticar a justiça, uma virtude pela qual é aceito a Deus e merece ser batizado com toda a família, isto é com filhos, filhas, genros, noras, netos, empregados e, até, possíveis escravos. Pela doutrina dos Atos, quem pratica a justiça, à qualquer cultura ou religião pertença, é

aceito a Deus. Mas notemos bem, podemos ser aceitos a Deus e merecer o Reino pelo menos por dois tocantes motivos: porque se pratica a justiça (cfr. Atos, 10) ou porque se acolhe e socorre os mais pequeninos irmãos de Jesus (cfr. Mt XXV,40), isto é os famintos os sedentos, os sem roupa, os peregrinos, os presos ... como resulta do mesmo capítulo mateano. E se veja bem, são irmãos de Jesus tanto os socorredores, por serem os preferidos do Pai, quanto os socorridos, pois Jesus os identifica consigo mesmo. Em ambos os casos, porém, e precisamente pelo contexto que chama em causa as nações, se trata de não batizados ou de praticantes de outras religiões. Lendo estas notas um tanto improvisadas, alguém se poderá perguntar: “Porque estes conhecimentos tão elementares e iluminantes são ignotos, ainda hoje, ao povo cristão?” A resposta a dar não pode ser simples, mas se pode afirmar que tem a ver com uma certa arrogância da classe clerical. Uma classe que quer honestamente servir a Deus, mas que esquece que todo o povo cristão é chamado a fazer a mesma coisa, mas com liberdade de decidir e de agir. Ainda não passaram cem anos da hora em que os

católicos foram autorizados a acompanhar a missa (toda em latim) por meio de um pequeno missal em vernáculo. Naquela época a Bíblia podia ser impressa e lida somente em latim, para que o clero ficasse com a certeza de que nenhum leigo teria a coragem de colocar-lhe perguntas incomodantes. Lembremos, a tal propósito, que um livro do teólogo Antônio Rosmini, canonizado por Bento XVI, tinha sido colocado pelo Santo Ofício no índice dos livros proibidos, a causa de que? Se tratava de *Le cinque piaghe della Chiesa* (“As cinco pragas da Igreja”), um livro que, entre outras coisas legítimas, pedia que a liturgia católica fosse celebrada nas línguas que, no século XIX, os povos do mundo falavam. E, sempre ficando no tema dos pagãos honestos, num outro livro do novo testamento, o Apocalipse de João, os pagãos enchem o paraíso e passam em procissões intermináveis frente ao trono de Deus (cfr. Ap.....). Para compreendermos a estonteante página do Apocalipse, basta voltarmos de novo a Mt XXV, lá onde Jesus fala do julgamento que pronunciará sobre as nações, isto é sobre pagãos ou não batizados. No romance *O quarto Evangelho*, edito por

Rusconi em 1973 e chegado à XVII edição em 1980, o escritor italiano Mario Pomílio enfrenta o problema da ciumenta arrogância do clero católico encontrada, pelas suas pesquisas, num seminário napolitano do século XVIII. Dando a impressão que se refere à historia autêntica de Afonso de Liguori (um santo canonizado pela Igreja após ter sido bispo e fundador da Ordem dos Redentoristas), feito seminarista após ter ganho o diploma de advogado. E bem, o cândido advogado percebeu que, no seminário por ele escolhido, se liam autores vários, especialmente de filosofia e teologia, mas não se lia nada da Bíblia. Antes pelo contrário, se ridicularizavam os seminaristas que tinham a coragem de ler o Evangelho de Jesus Cristo e guarda-lo no meio de publicações insignificantes.

## **04 . A teologia missionaria do evangelista João.**